

“NOSSOS JAPONESES” SÃO MELHORES DO QUE OS OUTROS?

André Souza Martinello¹

LESSER, Jeffrey. **UMA DIÁSPORA DESCONTENTE: Os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica 1960-1980.**

Trad. Patrícia de Queiroz C. Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 293 páginas.

Em “Uma diáspora descontente” o historiador estadunidense Jeffrey Lesser, mais uma vez brinda ao público brasileiro com obra inovadora e criativa. Em uma perspectiva interdisciplinar, para além do campo da história, Lesser lança abordagem e dialoga com noções de identidade/alteridade, etnicidade, (i)migração/memória e estereótipos. Atento as relações interétnicas – muitas vezes resultado de processos de (i)migração – e do contanto entre fronteiras culturais, de negociação de identidades e relações de pertencimento vividas e construídas, Lesser demonstra profundo conhecimento a respeito da contemporaneidade brasileira. O autor faz parte da nova geração de *brasilianistas* que contribui decididamente com a historiografia do Brasil e mais do que isso, utiliza-se de olhares e interpretações de estranhamento, chamando atenção para situações delicadas e poucas vezes abordadas com tanta seriedade por autores e pesquisadores nacionais, enriquecendo, portanto, à escrita da história brasileira pós-ditadura militar. Tanto os estudiosos de Antropologia e Ciência Política, quanto os interessados na presença nikkei² no Brasil, recebem, no livro traduzido no ano de 2008 e publicado pela editora Paz e Terra, uma análise do que o autor denominou de “militância étnica”. “Desterrados em suas próprias terras”, descendentes de migrantes japoneses, portanto, brasileiros, ou mais comumente chamados: nipo-brasileiros, sofrem preconceitos “positivos” e negativos devido à naturalização e disseminação de elevada carga pejorativa que recebem, o que caracteriza para Lesser, um claro exemplo de essencialização de um grupo que não teve efetiva integração no Brasil. Mesmo que compartilhando elementos do que possa ser pensando como brasilidade, o argumento central de Lesser é a integração parcial do grupo étnico no País em que nasceram, a começar pelo nome de batismo que recebera, filhos de imigrantes japoneses.³ O momento em que está focado a pesquisa e o livro é pós-governo Juscelino Kubitschek, com o golpe militar e a entrada de jovens na

¹ Mestre pelo multidisciplinar em Desenvolvimento Rural /PGDR da UFRGS, Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura. Mestrando em História na UFSC, vinculado ao Labimha/Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental. Historiador também pela UFSC. Licenciado em Geografia pela UDESC/FAED. Email: andresoumar@gmail.com

luta armada, cobrindo o período da última ditadura, mas chegando até a contemporaneidade pós a redemocratização. O que há em comum nos agentes da escrita de Lesser é a ascendência/descendência nikkei.

Embora o termo “nativo” não seja expressão utilizada pelo autor, a temática e as fontes consultadas, questionam de que modo migrantes e descendentes de (i)migrantes japoneses, mesmo tendo nascido no Brasil (e portanto, em um País *jus solis*: filhos desse solo, brasileiros tornam-se), não são necessariamente ou majoritariamente tratados como nativos. O que tornaria esses “nativos brasileiros” menos nativos? Talvez por carregarem marcas em seus corpos, postarem sinais e “características” que remetem ao Japão, ou que são no Brasil lidos/interpretados como elementos constituintes de uma niponicidade. Filhos, netos, bisnetos de japoneses no Brasil são vistos, chamados e apelidados também de japoneses. Lesser busca responder, afinal, o que faz com que exista confusões a respeito dos “japoneses do Brasil” serem chamados e tratados de maneira semelhante aos “japoneses do Japão”?

Lesser aponta em diferentes trechos e situações de entrevistas, como ele próprio – na condição de pesquisador/entrevistador – sugere aos entrevistados a noção de uma integração parcial no Brasil, principalmente pelos nipo-brasileiros que se percebiam e diziam totalmente brasileiros. Ao longo dos trechos de depoimentos presentes no livro, o autor parece ter compartilhado e testado suas hipóteses e tese nas entrevistas que realizou, qual seja: o tratamento constante recebido pelos brasileiros *de origem* japonesa como sendo estrangeiros, e registrou ao longo do contato pesquisado-pesquisador a percepção de que “os nossos japoneses” não são vistos ou tratados como tão “nossos” assim... Para o historiador norte-americano, a “dificuldade” e incapacidade de alguns brasileiros serem vistos como realmente brasileiros, pode ser encontrada em vários fatores e respostas, inclusive pela negociação nacional que caracterizou as discussões a respeito da “raça” brasileira. Lesser sugere que no Brasil há maiores espaços e possibilidades para constante habilidade com que nipo-brasileiros mobilizam, quando necessário, alternativamente, elementos da identidade brasileira e/ou japonesa, interferindo nas próprias marcas e decisões das vidas dos indivíduos quando tentam se portar ora como brasileiros essencialmente natos, ora como japoneses que mantêm e herdaram costumes, práticas e formas de ser/viver. Por outro lado, desde o início oficial da política de incentivo à imigração, os japoneses no Brasil passaram a ser tratados como aqueles que viriam civilizar, ajudar a desenvolver e a salvar o País; japoneses ensinariam boas práticas e maneiras dos brasileiros tornarem-se modernos. Como percebe Lesser, japoneses foram atraídos ao Brasil, pois foram tratados como “imigrantes modelos”. Era no exemplo dos imigrantes japoneses que os brasileiros deveriam se inspirar e aprender ser

bons brasileiros: modernos, racionais, trabalhadores, inovadores e empreendedores. O apoio estatal brasileiro na atração de imigrantes japoneses também interessava a produtores rurais, como fazendeiros de café, por exemplo, que demandavam mão-de-obra.

Lesser (2001) já havia pesquisado a presença japonesa no Brasil na obra “A negociação da identidade nacional”⁴ e, nesse segundo livro em que o autor traz a tona diálogo com aspectos da presença nikkei no Brasil, Lesser inova ao tratar a imigração japonesa como uma diáspora e mais do que isso, como uma verdadeira “militância” étnica em busca de espaço, reconhecimento e integração, ou melhor, em busca do reconhecimento da brasilidade. No subtítulo do livro está presente a fricção que aborda o autor: *os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica*, Lesser demonstra e aponta através de rica utilização de fontes, como trechos e diálogos de filmes nacionais, letras de música e propagandas ou comerciais televisivos, os estereótipos diversos constituintes e presentes nas relações entre “os brasileiros” e os “brasileiros de origem/descendência japonesa”. É preciso lembrar, como faz o autor, que no Brasil não há uma expressão diferente para denominar os japoneses do Japão e os “japoneses” do Brasil. A confusão está fortemente presente e difundida, até mesmo em imagens como a de que os nossos japoneses são melhores que os dos outros. Para Lesser, no Brasil, as marcas corporais nomeiam e carregam consigo estigmas e pré-nomeações; o historiador aponta que são vistos como “japoneses”: bisnetos, netos e filhos de pessoas nascidas no Japão, todos (mesmo quando nascidos no Brasil) chamados como se aqui não tivessem nascido. Se não chamados de japoneses, são denominados ou se auto-nominam nipo-brasileiros.

No contexto do centenário da imigração japonesa no Brasil, ano em que a obra de Lesser foi publicada, o livro torna-se importante referência por apresentar variados tratamentos e experiências que nikkeis vivem no Brasil, passando por preconceitos e imagens positivadas que carregam consigo e, de que o próprio centenário da imigração japonesa fez com que se cultive e reforce a idéia de que no Brasil, o processo de imigração japonesa estivesse ainda ocorrendo. Em outras palavras, mesmo com elevado fluxo de “dekasseguis” (isto é, brasileiros de origem nikkei que nunca haviam ido ao Japão e que se deslocam em busca de trabalhos em terras de seus ancestrais) de idas e/ou vindas do Japão, se percebe como mesmo os descendentes de nikkeis que não falam a língua japonesa, não mantêm nenhum vínculo, contato ou relação com o Japão, são comumente tratados no Brasil como estrangeiros. É como se esses “japoneses” nunca se derretessem (ou lentamente fazem) no *melting pot*... logo no País da mistura e do “cadinho” de várias “raças”, são aqui os japoneses aqueles que menos tornam-se brasileiros e a presença dessa situação em diáspora torna-se inclusive uma ironia,

para a sociedade descrita nas interpretações que entendiam a mistura, como uma conseqüência natural da característica brasileira. Um dos principais méritos e qualidades de Lesser está em enriquecer tanto temas relacionados a imigração como também a presença étnica entre grupos de militância da esquerda armada contra a ditadura. As diferentes pessoas entrevistadas, a análise utilizando de rico material e fontes que passam de cartaz de pornô-chanchadas, filmes eróticos brasileiros, entrevistas com atrizes/atores, com políticos, guerrilheiros/as e a escrita extremamente envolvente em uma trama bem amarrada e divertida, reforçam algumas provocantes e criativas perguntas presentes nos textos de Jeffrey Lesser.

Assim como muitos viajantes, naturalistas e navegadores realizaram relatos, estudos e descrições da América Espanhola e Portuguesa desde o século XVI, vindos de um contexto externo, Lesser também poderia ser um caso de sutil observador e atento historiador – um viajante de origem em outro território – com a característica da enorme capacidade de estranhamento (em parte resultado do afastamento sócio-cultural do Brasil), o autor demonstra envolvimento afetivo em relação ao nosso País, desde relações familiares, perpassando por sua formação profissional, por exemplo, como aquele que Lesser costuma denominar como sendo seu mentor: o conhecido historiador Warren Dean, além da intensiva imersão que realiza em suas pesquisas, contato com entrevistados, descrevendo e vasculhando memórias e arquivos brasileiros. A opção desse autor por estudar o Brasil parece ser uma escolha curiosa, prazerosa e com intenção de compreender diferenças e semelhanças aos Estados Unidos. O fato é que a capacidade de trazer questões inovadoras e perceber temas latentes, o que em um primeiro momento pareceria a nós como um fato natural, deve-se ao menos a duas peculiaridades desse historiador: 1) a sua utilização de um método que poderia ser genericamente denominado etnográfico (o que não quer dizer, antropólogo que olha apenas para o passado ou se limitando as observações do tempo presente) e 2) a nacionalidade estadunidense de Lesser. De fato, há inúmeras outras influências que circulam a constituição do modo desse historiador realizar pesquisas de histórias no/do Brasil, inclusive, já houve quem inclusive tivesse afirmado existir “um jeito Lesser” de escrever história, como sugeriu Martin Dreher - quando da conferência de Lesser no encontro nacional da ANPUH em São Leopoldo no ano de 2007 - referindo-se a maneira animada e criativa com que Jeffrey Lesser se lança nas pesquisas, fazendo com que esse livro seja indispensável para aqueles interessados em (i)migração, luta armada e relações interétnicas no Brasil, podendo inclusive, satisfazer público mais amplo, que simplesmente procura boas leituras e bons livros, além de leitores com interesses acadêmicos.

NOTAS

² A expressão Nikkei é tanto categoria étnica utilizada pelos próprios atores, como também, expressão adotada por estudiosos da migração. Faz referência aos nipo-brasileiros nascidos no Brasil, aos japoneses que para o Brasil vieram ou aos japoneses do Japão.

³ O exemplo ilustrativo descrito por Lesser (2008, p. 177), relata o caso da família de Osawa, em que, somente filho mais novo do casal teve o "nome japonês" de batismo aceito pelo Padre, pois parece ter ocorrido um mal entendido na pronuncia do nome escolhido, diferente dos dois irmãos mais velhos que tiveram seus nomes duplicados em versão brasileira e japonesa "[...] fato de o Estado brasileiro aceitar determinados aspectos da preservação da identidade étnica, tais como deixar constar nas certidões de nascimento os nomes escolhidos pelos pais para seus filhos, quaisquer que fossem eles. Assim, Osawa e seus dois irmãos mais velhos eram chamados, em casa e em seus documentos oficiais, pelos nomes que receberam ao nascer, Koichi, Jundi e Shizuo. No entanto, em questões de identidade, os pais e o Estado tinham um rival. O padre da localidade recusava-se a batizar crianças com nomes japoneses. Os pais de Osawa disseram a seus irmãos mais velhos que se preparassem para dizer ao padre que tinham 'nomes brasileiros'. Dessa forma, Koichi e Jundi foram batizados como Nelson e Antônio, passando a ser conhecidos fora de casa por esses nomes. Quando chegou a vez do pequeno Shizuo ser batizado, 'minha mãe até me disse que, se precisasse de um nome, eu me chamaria Carlos. "Mas o padre não pediu um nome brasileiro. Como Osawa explicou, com uma risada: 'No meu caso, ele não pediu. Sei lá o que aconteceu. Talvez ele tenha achado que o nome 'Shizuo' era um japonês falando errado 'Jesus'."

⁴ LESSER, Jeffrey. *A NEGOCIAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Ed.UNESP, 2001.